

Otelo: o mouro de Veneza

William Shakespeare



Othello and Desdemona, by Daniel Maclise (1806-1870)



1564-1616

William Shakespeare

- É considerado o pai da língua inglesa, pois a unificou no séc. XVII
- Reinventou do **drama**, unindo tragédia e comédia para tratar dos problemas psicológicos essenciais humanos e dos traumas
- Inferiu forte psicologismo às personagens, inclusive às secundárias
- Foi o primeiro a aceitar mulheres como atrizes representando no palco
- Além do **drama**, dedicou-se à poesia durante três anos em que isolou-se em sua casa durante o período da peste negra, que devastou a Europa
- Casou-se com Anne Hathaway em 1582, com quem teve três filhos
- É um gênio incomparável



Em Stratford, a tumba de Shakespeare.

A

- **UNIVERSAL:** Shakespeare faz parte do cânone da literatura, ou seja, é universal, pois sua obra não pertence a um país, a um idioma, mesmo que possa ser reconhecido como autor inglês de obra em língua inglesa.

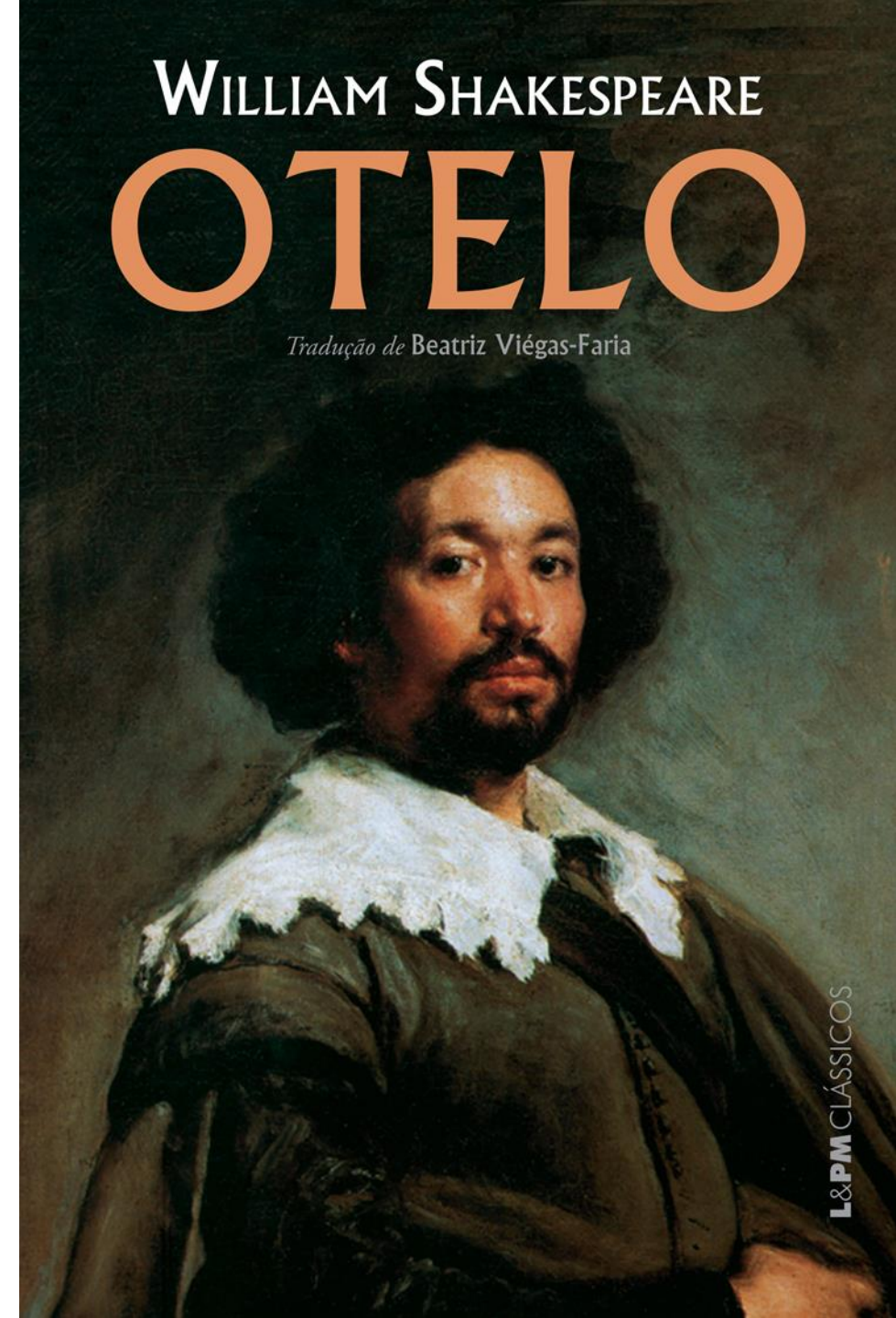
- **Ambiente:** não é a Inglaterra

- **Herói moderno:** homem moderno vive um trauma, não aceita um destino pré-estabelecido, vive em crise existencial pois reflexo de suas atitudes. A **VONTADE** é humana, não divina

- **ARQUÉTIPO:** uma experiência que serve de modelo universal por ser o primeiro exemplo

- Gênero literário: DRAMA (teatro/representação)
- *Otelo* é uma tragédia, ou seja, uma peça teatral
- A história encenada é de cunho psicológico
- Foca na relação de poder, frustração e como o ser humano age quando motivado pelas emoções
- **Catarse:** purificação da alma por meio de uma carga emocional provocada por um drama – *alívio da alma*
- Não tem coro
- Transição dos teatros elisabetanos para o palco mais comum é o *italiano*, que propõe ao público uma visão central e próxima do palco
- **CONFLITO:** é uma tensão entre vontades opostas que propõe a ação dramática
 - **Razão x emoção**
 - **Vinganças e Rivalidade**

- Escrita +- 1603
- História de INTRIGA, RIVALIDADE, INVEJA E VINGANÇA
- O foco do enredo são 4 personagens: Otelo, Desdêmoda, Cassio e Iago
- Nesta peça, temos um Shakespeare mais maduro, psicológico
- **CIÚMES:** é o que dá o tom trágico ao comportamento das personagens e aos acontecimentos
- A peça é dividida em cinco atos, com três cenas cada um
- **O cenário** é a cidade de Veneza (Ita) e o Chipre
- É a verdadeira tragédia humana: o amor e a desilusão estão na mesma proporção.
- Os ciúmes e a inveja desembocam vinganças motivadas pelas emoções



PERSONAGENS

- O Doge de Veneza.
- BRABÂNCIO, senador. Outros senadores.
- GRACIANO, irmão de Brabâncio.
- LUDOVICO, parente de Brabâncio.
- **OTELO**, mouro nobre, a serviço da República de Veneza.
- **CÁSSIO**, seu tenente.
- **IAGO**, seu alferes.
- RODRIGO, fidalgo veneziano.
- MONTANO, governador de Chipre antes de Otelo.
- BOBO, criado de Otelo.
- **DESDÊMOMA**, filha de Brabâncio e esposa de Otelo.
- EMÍLIA, esposa de Iago.
- BIANCA, amante de Cássio.
- Marinheiro, oficiais, gentis-homens, mensageiros, músicos, arautos, criados.

O conflito

A inveja de Iago o faz orquestrar um plano sórdido de vingança que destruirá o amor entre Otelo e Desdêmoma, levando-os à morte.



Veneza do séc. XVII

Veneza, a República dos Doges

- Influência política na Alta Idade Média
 - Controle do comércio com o Oriente, sobretudo no Mar Adriático e Mar Egeu: **MONOPÓLIO DO COMÉRCIO**
 - Rápida adaptação às mudanças políticas que ocorreram no mundo ocidental: aliados de Francos e Bizantinos
-
- Palco de importantes movimentos artísticos
 - Período renascentista
 - Sinfonias e Teatro de Ópera: Antonio Vivaldi nasceu na cidade; grandes bailes de máscaras (carnaval)
 - Serviu de modelo para impressores e pintores (pintura a óleo)
 - Influências de inúmeros idiomas e culturas
-
- ❖ Arquitetura audaciosa
 - ❖ Cidade flutuante: consolidação e a colocação de estacas
 - ❖ O delicado equilíbrio da lagoa: invasão da água do mar e da presença do vento tornam necessário o controle das águas (doce-salgada)



Praça de São Marcos,
Veneza (1697)

Chipre, a terra dominada; 12 mil anos de “civilização”

- Posição geográfica estratégica: comércio e exército
 - A leste do mar Mediterrâneo, no oriente Médio
 - Já foi dominada por Egito, Pérsia, Grécia (Alexandre), Roma, Inglaterra e Turquia Otomana (1570)
- Cultura: ainda que tenha sido uma terra seguida e violentamente ocupada, preserva-se as influências da cultura grega (quase pura) por praticamente 4000 anos
- ❖ Otelo e o Chipre: o período histórico de que trata a peça data da invasão Turca ao Chipre, que está sob governo de Veneza (1489) e a utilizaram como centro comercial



Localização de Veneza e do Chipre



PRIMEIRO ATO

- 1. CENA I:** Iago sente-se contrariado (inveja) por ter sido escolhido oficial por Otelo
 - Rodrigo fora rejeitado por Desdêmoda
 - Iago tenta convencer Rodrigo a se vingar: simpatiza com o plano
 - VINGANÇA: Iago e Rodrigo criam atrito entre Brabâncio e Otelo (amante de Desdêmoda)
 - Racismo e dissimulação: convencem Brabâncio a caçar a filha e o mouro (p.11-12)
- 2. CENA II:** Otelo e Desdêmoda casaram-se em segredo: Brabâncio revela seu racismo (p.20)
- 3. CENA III:** os turcos invadem o Chipre, e Otelo é convocado a comandar o Exército contra a invasão
 - precisa lidar com Brabâncio em pleno momento de crise
 - 1º senador é o único que lhe garante o direito de defesa (p.25-26)
 - A paixão entre os amantes

Promessa de vingança de Iago (CENA I)

IAGO — (...) Ao ser dele seguidor, estou seguindo apenas a mim mesmo. Os céus podem me julgar: eu não sou eu por amor e por dever, mas eu pareço ser eu por causa de meu peculiar propósito. E, quando minhas ações aparentes demonstrarem a verdadeira conduta e os verdadeiros contornos de meu coração em formal expressão de cortesia, não de passará muito tempo e estarei abrindo o meu coração para que os urubus dele façam picadinho... Não sou quem eu sou. (p.8-9)

O racismo de Brabâncio (CENA II)

BRABÂNCIO — Mas... como? O Doge reunido com o conselho? A esta hora da noite! — Tragam-no comigo. — Minha questão não é coisa de pouca importância. O próprio Doge, assim como qualquer um dos meus pares na administração do Estado, não pode deixar de sentir esse crime como se fosse contra sua própria pessoa. Se a ações tais for dada livre passagem, logo chegará o dia em que escravos e pagãos tornam-se nossos governantes.

[Saem]. (p.20)

A paixão entre os amantes, a defesa de Otelo (CENA III)

OTELO — (...) Agradeceu-me e pediu que, que no caso de eu ter um amigo que a amasse, ensinasse a ele como contar a minha história, e isso bastaria para enamorá-la. Tendo ela feito tal insinuação, falei eu. Ela me amava pelos perigos por que eu havia passado, e eu a amava por ter ela se compadecido de mim. Essa a única feitiçaria que usei. Eis que chega a dama; deixai que ela dê seu testemunho.

Entram Desdêmoda, Iago e Serviçais. (p.28)



Othello conta a história de sua vida à Desdêmona na presença de Brabâncio.

Tela de Carl Ludwig

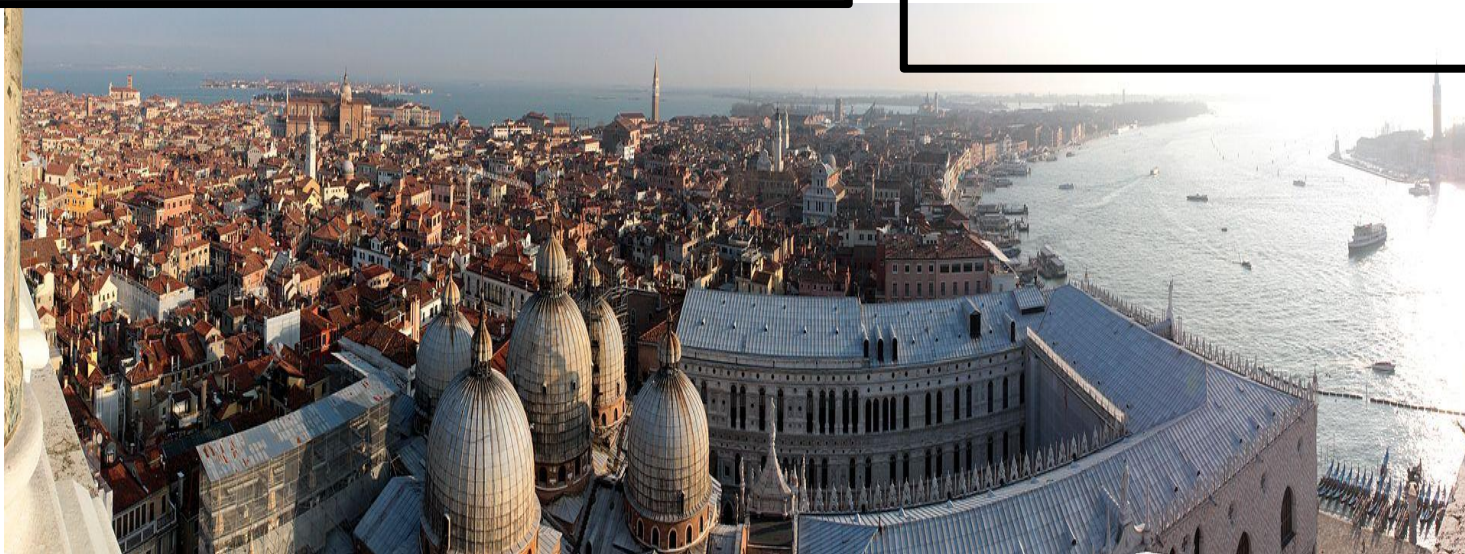
CENA III: Desdêmoda argumenta a favor de Otelo (p.29)

- Doge entende a relação humana com a mágoa/ódio
- Otelo parte ao Chipre na mesma noite
- Iago permanece em Veneza para servir-lhe de mensageiro e para cuidar de Desdêmoda (esse foi o erro)
- Brabâncio alerta Otelo com requintado sarcasmo

Doge pondera sobre as emoções humanas

DOGE — Deixe-me falar como o senhor mesmo falou, e decretar uma sentença que, como alavanca ou degrau, pode auxiliar esse casal de apaixonados a granjear sua simpatia. Quando o irreparável está feito, cessam-se as dores vendo-se que poderia ter sido pior aquilo que no fim confiou-se em um desejo ardente. Lamentar um infortúnio que está morto e enterrado é dar o passo certo na direção de atrair para si novo infortúnio. Há sempre aquilo que não pode ser preservado quando o destino tem as rédeas na mão, mas a Paciência encarrega-se de fazer do prejuízo uma zombaria. Aquele que foi roubado, quando sorri, furta algo do ladrão, e rouba a si mesmo quem se consome em mágoa inútil.

(p.29-30)



Vista de Veneza sob a ótica do Campanário de São Marcos

Ob. Bento, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, teve um infortúnio de uma mágoa sem causa nem justificativa, do qual faz de tudo para se livrar da consciência.

O alerta de Brabâncio a Otelo

BRABÂNCIO — Mantém-na sob tuas vistas, Mouro, se é que tens olhos para enxergar. Ela enganou o próprio pai, e pode vir a fazer o mesmo contigo. (p.33)

Iago arquiteta a vingança e torna Rodrigo cúmplice, explorando-o

IAGO — (...) O começo dos dois foi violento, e você será testemunha de uma separação correspondente... Ponha apenas dinheiro em sua bolsa. Esses mouros são volúveis... encha sua bolsa de dinheiro. (...) Ela inevitavelmente vai trocá-lo por juventude; quando estiver farta do corpo, descobrirá o erro de sua escolha. Portanto, ponha dinheiro em sua bolsa. (p.36)

Ob. Iago rouba o dinheiro e joias que faz o jovem Rodrigo dar em promessa de entregá-los a Desdêmoda como prova de seu amor.

O plano de Iago:

IAGO — (...) Cassio é um homem decente. Agora, deixa-me ver: pegar o lugar dele e coroar minha vontade com dupla patifaria. Mas, como? Como? Vejamos: após algum tempo, maltratar os ouvidos de Otelo, sugerindo que Cassio é por demais íntimo de sua mulher, que ele tem uma figura e uma disposição meiga insuspeitáveis... Moldado para fazer das mulheres pessoas falsas. O mouro é de natureza aberta e generosa: acredita ser honesto todo o homem com aparência de honesto, e deixa-se levar docilmente pelo nariz, assim como o são os asnos. Está concebido! Foi gerado! O inferno e o breu da noite deverão dar à luz do mundo esse monstro. (p.38)

SEGUNDO ATO

- 1. CENA I:** uma tempestade violenta naufraga as embarcações turcas
 - Iago chega ao Chipre com Desdêmoda, onde Cassio está alojado; chegam antes de Otelo
 - Iago é menosprezado por Cassio (p.48)
 - Otelo chega ao Chipre
 - Iago manipula Rodrigo: diz que Desdêmoda está apaixonada por Cassio (p.51)
 - Rodrigo deve provocar Cassio
 - Criar ciúmes em Otelo

Ob. Iago revela suspeitas de que Otelo e Cassio já se deitaram com Emília, sua esposa (p.54). Esse seria outro motivo de seu ódio.

- 2. CENA II:** Otelo ordena que comemorem o fracasso turco
- 3. CENA III:** Iago embriaga Cassio e o vira contra Montano (governador do Chipre)
 - Rodrigo provoca a ira de Cassio: na briga, Montano é ferido
 - Otelo destitui Cassio do posto de oficial
 - Iago convence Cassio a procurar Desdêmoda para que intervenha na questão (p.70-71)
 - Iago pede a Emília que intervenha junto a Desdêmoda



Desdêmoda (1888), por Frederic Leighton.

O machismo de Iago: visão sobre a **dissimulação** das mulheres (CENA I)

IAGO — Ora, vamos! Ora, vamos! Vocês mulheres são uma pintura fora da intimidade do lar, guizos na sala de visitas, gato selvagem na cozinha, santas em suas injúrias, diabólicas quando se ofendem; dominam o jogo das lides domésticas e sabem ser assanhadas na cama.

DESDÊMODA — Oh, que vergonha! Arrepende-te de tuas palavras, caluniador!

IAGO — São verdadeiras as minhas palavras; quero ser um turco se não é assim. Vocês se levantam para brincar e deitam-se para trabalhar.

(p.45)

Iago revela suspeitas de que Cassio e Otelo já se deitaram com Emília (CENA I)

IAGO — (...) Agora, amar eu também a amo, não por uma puro desejo carnal... muito embora por vezes eu me veja cometendo um tão grande pecado... Mas parcialmente porque sou levado a alimentar minha vingança. Pois, suspeitando eu que o lascivo Mouro tenha pulado na minha cama, tal pensamento corrói, como se fosse mineral venenoso, minhas entranhas. E nada poderá ou conseguirá aliviar minha alma até que eu esteja quites com ele, esposa por esposa. Em falhando esse plano, sempre posso, pelo menos, criar no Mouro um ciúme tão forte a ponto de o bom senso não poder remediá-lo. Para tanto, a coisa a ser feita... se esse pobre rebotalho de Veneza, que trago pela coleira para essa rápida caçada, aguentar a incitação... terei Miguel Cassio preso pela cintura. Aos ouvidos do Mouro, ofenderei Cassio em seu uniforme de oficial... Pois temo que Cassio também tenha usado minha touca de dormir... farei com que o Mouro me agradeça, me aprecie e me gratifique por fazer dele um ilustre asno, e isso tudo trapaceando contra sua paz e quietude, levando-o à loucura. Ela está bem aqui, porém ainda confusa: a mais pura face da canalhice, jamais vista até que seja usada.

(p.54)

1. **CENA I:** Cassio conversa com Emília: implora para que intervenha junto a Desdêmoda (p77-78)
2. **CENA II: NADA ACONTECE!**
 - Ob. Machado de Assis também escreve capítulos em que nada acontece
3. **CENA III:** Desdêmoda irá ajudar Cassio
 - Iago arma para Otelo flagrar Cassio e Desdêmoda se despedirem
 - Desdêmoda intervém por Cassio, implorando ao marido
 - Otelo cai no jogo de Iago (p.85)
 - Iago levanta suspeitas sobre Desdêmoda (p.89)
 - Iago fingi suplicar por Cassio para não levantar suspeitas sobre si
 - Otelo está envenenado (p.92)
 - **O LENÇO!** Desdêmoda deixa cair o lenço (1º presente de Otelo) enquanto afaga o marido (p.93)
 - Emília encontra o lenço e o entrega, ingenuamente, a Iago, que o deixará no alojamento de Cassio
 - Otelo tem certeza de que é traído, porém sem provas (p.96-97)
 - Otelo intima Iago a provas as insinuações sobre Desdêmoda e Cassio
 - Iago inventa boatos sobre os sonhos de Cassio: chama Desdêmoda em seus delírios (p.99)
 - Iago menciona o lenço: diz que viu Cassio usando (p.100)
 - Otelo deseja vingança: a morte de Cassio (p.102)



Desdemona's Death Song, de
Dante Gabriel Rossetti (1878/1881)

Otelo cai no jogo de Iago (CENA III)

IAGO — Meu senhor, sabe que lhe tenho amizade profunda.

OTELO — Penso que sim. E, tanto quanto sei, és criatura plena de amor, e honesto, e sabes pesar as palavras antes de dar-lhes vida com teu sopro. Assim é que esse teu vacilar assusta-me ainda mais, pois tal coisa num velhaco falso e desleal é truque costumeiro; mas num homem justo é adiamento em segredo, um mecanismo do coração, coisa sobre a qual a paixão não tem domínio.

IAGO — Por Miguel Cassio, atrevo-me a jurar como penso que ele é homem honesto.

OTELO — Também penso assim.

IAGO — Um homem deve ser o que parece ser. Quanto àqueles que não são o que parecem ser... ah, se pelo menos não parecessem ser o que não são! (p.85)

Iago levanta suspeitas sobre Desdêmoda (CENA III)

IAGO — Ela enganou o próprio pai, ao desposá-lo. E, quando parecia estremecer e assustar-se com sua aparência, general, por ela apaixonava-se cada vez mais.

OTELO — E apaixonou-se mesmo.

IAGO — Ora, então! Sendo tão jovem ainda, ela pôde mostrar-se fingida a ponto de deixar o pai cego, seus olhos vendados de tal maneira que ele concluiu ter sido tudo feitiçaria... Mas eu disso sou em grande parte culpado. Humildemente imploro que me perdoe por ter-lhe tanto apreço e afeição. (p.89)

Otelo está “envenenado”(CENA III)

OTELO — (...) Fui ofendido, e meu consolo deve ser odiá-la. Ah, a praga do casamento, poderemos chamar essas delicadas criaturinhas de nossas, mas não serem nossos os seus apetites! Mil vezes ser eu um sapo, vivendo dos vapores de uma masmorra, do que manter um cantinho reservado no objeto de meu amor para o uso de outros. E, no entanto, esta é a praga dos grandes: menos prerrogativas têm eles do que o indignos. Esse é um destino inescapável, como a morte. Essa praga de chifrudos é a sorte que nos cabe desde quando nos dão à luz. Olhem que ela chega!

[entram de volta Desdêmoda e Emília.]

Se ela é falsa, ah, então é porque o paraíso zomba de si mesmo! Não posso acreditar. (p.92)

Otelo tem certeza de que foi traído, porém sem provas (CENA III)

OTELO — Infame vilão, certifica-te de provar que minha amada é uma rameira. Certifica-te disso. Fornece-me a prova ocular.

[agarra-o pelo pescoço.]

Caso contrário, pelo que vale minha alma imortal, vais preferir ter nascido cachorro a ter de responder à minha ira avivada!

IAGO — A coisa chegou a esse ponto?

OTELO — Faze com que eu veja; ou, pelo menos, prova o que insinuas, de modo que a evidência não traga em si nem presilha nem gancho por onde se possa pendurar uma única dúvida. Do contrário, que a desgraça caia sobre tua vida! (p.96-97)

Iago diz que viu Cassio usando o lenço (CENA III)

IAGO — Não; seja mais esperto. Ainda não vimos nada. Ela ainda pode ser honesta. Diga-me apenas uma coisa: o senhor não viu, às vezes, nas mãos de sua esposa, um lenço com um bordado de moranguinhos?.

OTELO — Presenteei-a eu mesmo com um lenço assim; foi o primeiro que lhe dei.

IAGO — Disso eu não estava a par. Todavia, um lenço assim; tenho certeza de que era de sua esposa... vi Cassio usando hoje para enxugar a barba.

OTELO — Se for o mesmo lenço... (...)

— Ah, se tivesse essa escrava quarenta mil vidas! Uma só é muito pouco, frágil demais para minha vingança! (p.100)

Otelo deseja a morte de Cassio”(CENA III)

OTELO — Saúdo a tua dedicação, não com agradecimentos vãos, mas com uma aceitação calorosa, e neste mesmo instante coloco-te a seguinte incumbência: tens três dias para vires relatar que Cassio não mais respira.

IAGO — Morto está o meu amigo. Isso já está feito, a seu pedido, general. Porém, deixa-a viver. (p.102)

4. **CENA IV:** Otelo cria uma situação para exigir a Desdêmoda o lenço

- Ele explica a origem do lenço (p.106)
- Tudo é da imaginação de Otelo para comprovar sua ira (p.108)
- O casal inicia uma discussão: ele pede que ela traga o lenço; ela, que atenda Cassio
- Cassio entrega o lenço, que encontrara em seu alojamento, a Bianca (sua amante) para que fizesse uma cópia do bordado (p.112)



Otelo explica a origem do lenço

OTELO — Que pena. Aquele lenço foi presente de uma mulher egípcia à minha mãe. A mulher era uma feiticeira: praticamente lia os pensamentos das pessoas. Disse ela à minha mãe que, enquanto conservasse o lenço, ela seria pessoa afável e teria meu pai inteiramente submisso ao seu amor. Mas, se ela o perdesse ou com ele presenteasse outra pessoa, o olhar de meu pai a contemplaria com ódio, e o coração dele se poria à caça de novas fantasias. Ao morrer, ela me deu o lenço e pediu-me para, quando meu destino a mim trouxesse minha esposa, presenteá-la com ele. Assim procedi. E toma tu nota do seguinte: guarda-o como a um bem precioso, cuida dele como cuidas de teus próprios olhos. Perdê-lo, ou com ele presentear outra pessoa, representaria para ti danação tal qual que nada se lhe pode comparar. (p.106)

- 1. CENA I:** Iago afirma que Cassio deitou-se com Desdêmoda
 - Arquiteta forjar uma confissão de Cassio
 - Otelo se esconde para ouvir a conversa; entra Bianca com o lenço (p.122)
 - Otelo que uma vingança violenta contra Desdêmoda (p.124)
 - Ludovico (primo de Desdêmoda): traz uma carta de Veneza, informando que Cassio deve substituir Otelo e que este retorne imediatamente
 - Otelo agride a esposa (p.127)

- 2. CENA II:** Emília defende Desdêmoda para Otelo (p.130): ele não acredita
 - Enfim, Otelo acusa claramente a esposa e impõe a separação (p.134)
 - Emília entendeu o que aconteceu (p.137)
 - Iago tenta convencer Rodrigo a assassinar Cassio (p.142)

- 3. CENA III:** Desdêmoda canta uma cantiga antiga sobre um salgueiro (p.145-146)
 - A cantiga também aparece no conto Caio Fernando Abreu, *Caixinha de música* (o enredo é o mesmo)
 - Emília pondera sobre as mulheres (p.147-148): discurso feminista, culpando os maridos pelos desvios femininos

A cantiga de Desdêmoda: história trágica (CENA III)

DESDÊMODOA — [*canta*]

Pobre alma, sentava, suspirava, soluçava
ao pé de um plátano

Cantem todos: meu verde salgueiro
As águas sussurram, refrescantes correntes,
cantando o choro dela

Cantem: salgueiro, meu verde salgueiro

As lágrimas saltam salgadas sobre seixos...
coloca junto desses...

Cantem todos: meu verde salgueiro

Suplico-te, mais pressa com isso. Ele chega
dentro em pouco...

De folhas de plátano será minha guirlanda

Não quero ninguém a censurá-lo, pois eu
mesma aprovo-lhe a distância...

De falso acusei o meu amor

Daí, o que foi que ele te falou?

Cantem: salgueiro, meu verde salgueiro

Se fiz a mais das damas a corte,
você com mais homens se deitou.

(p.145-146)

Otelo deseja uma vingança violenta contra Desdêmoda (CENA I)

OTELO — Ah, mil vezes pior, mil vezes... E ainda por cima, de tão gentil disposição!

IAGO — Sim, gentil demais.

OTELO — Não, estás certo. Mas, ainda assim, que pena isso tudo, Iago! Oh, Iago, que pena isso tudo, Iago!

IAGO — Se o senhor aprecia tanto a iniquidade de sua esposa, garanta-lhe o privilégio de ofender. Se essa iniquidade não o toca, com certeza não atinge mais ninguém.

OTELO — Vou cortá-la em pedacinhos... Fazer de mim um corno!

(...) Arranja-me algum veneno, Iago... Esta noite. Não vou com ela discutir, para não correr o risco de seu corpo e sua beleza perturbarem ainda uma vez mais a minha mente... esta noite, Iago.

IAGO — Não o faça com veneno. Estrangule-a em sua cama, o mesmo leito por ela contaminado. (p.124)

Otelo acusa claramente Desdêmoda (CENA II)

DESDÊMODOA — Pelos céus, estás me injuriando.

OTELO — Não és uma meretriz?

DESDÊMODOA — Não; sou uma mulher cristã. Se preservar este meu corpo para meu amo e esposo, livrando-o de qualquer contato ilegítimo e obsceno, significa não ser uma meretriz, não o sou.

OTELO — O quê? Não és uma meretriz?

DESDÊMODOA — Não; sou uma alma que encontrará a salvação.

OTELO — Será isso possível?

DESDÊMODOA — Ah, que os céus nos perdoem!

OTELO — Mas então imploro-te por clemência. Tomei-a por aquela meretriz astuciosa de Veneza que desposou Otelo.

[elevando o tom de voz]

Você, senhora, que ocupa posto avesso ao de São Pedro e guarda o portão para o inferno.

Emília entra de volta.

Você, você, sim, a senhora mesmo! Nossas relações estão terminadas. Aqui a senhora tem algum dinheiro por seu incômodo. Peço à senhora que gire a chave na fechadura e guarde este nosso segredo.(p.124)

Emília pondera sobre o comportamento das mulheres: a culpa é dos homens – DISCURSO FEMINISTA, *por que não?!*

EMÍLIA — Uma não, uma dúzia sim; e muitas mais, todas prontas a escolher qualquer uma coisa deste mundo no caso de a oportunidade aparecer. Mas eu penso que é culpa dos maridos quando as esposas caem em tentação. Digamos que eles negligenciam seus deveres e colocam nossos tesouros em colos estranhos, ou irrompem em mal-humoradas crises de ciúmes, , atando-nos numa série de restrições. Digamos ainda que nos batem, ou fazem minguar nossa mesada anterior por despeito... Ora, nossos corpos secretam fel e, embora possamos ser graciosas, também temos sede de vingança. Saibam os maridos que suas esposas têm todos os sentidos como eles: elas veem coisas, sentem cheiros, têm paladar para o doce e o azedo, igualzinho a seus maridos. O que estão fazendo eles quando nos trocam por outras? Praticando um esporte? Acredito que sim. Um esporte gerado por afeição? Acredito que sim. É a fragilidade de cada um que peca dessa maneira? Também acredito que sim. E não temos nós, esposas, afeições? Desejo de praticar um esporte? E não somos igualmente frágeis? Tanto quanto os homens? Então, que eles façam de nós bom uso; do contrário, que saibam que os males que fazemos foram eles que nos ensinaram. (p.147-148)



Desdêmoda e Emília (1849),
Théodore Chassériau

QUINTO ATO

CENA II

❖ **CARTAS** nos bolsos de Rodrigo: esclarecem o plano de Iago (p.175)

❖ **SUICÍDIO** de Otelo (p.176-177)

1. **CENA I:** Rodrigo e Iago estão a postos para assassinar Cassio

- Cassio fere Rodrigo, e Iago o aleija pelas costas e foge
- Otelo jura matar Desdêmoda
- Rodrigo morre devido ao ferimento mortal

2. **CENA II:** No quarto, Desdêmoda e Otelo: ela implora clemência, porém ele a asfixia (p.162)

- Emília entra no quarto: Desdêmoda dá um último GRITO e morre (p.164)

Ob. Vejamos: foi um grito, não um suspiro como de costume romântico; há uma reação feminina forte

- Emília desmente Iago na frente de todos (p.166)
- A ama grita, denunciando o assassinato de Desdêmoda
- Iago tenta apunhalar Emília, mas é apartado por Graciano (tio de Desdêmoda)
- Emília esclarece a história do lenço (p.170)
- Otelo tenta atacar Iago, porém Montano intervém; uma confusão se instaura
- Iago se aproveita da situação, apunhala Emília e foge
- Emília morre
- Capturam Iago, que é ferido por Otelo com uma espada, porém não morre

Otelo **ASFIXIA** Desdêmoda (CENA II)

DESDÊMODA — Ai de mim, ele foi traído, e eu, arruinada.

OTELO — Fora daqui sua rameira! Choras por ele na minha frente?

DESDÊMODA — Ah, podes me mandar para o exílio, meu senhor, mas não me mates.

OTELO — Não te levantes, rameira!

DESDÊMODA — Mata-me amanhã; deixa-me viver esta noite!

OTELO — Não! Se tu lutares...

DESDÊMODA — Ao menos meia hora.

OTELO — Depois do começo, não há como parar.

DESDÊMODA — Ao menos enquanto eu faço uma prece!

OTELO — É tarde demais.

[Ele a asfixia.]

(p.161-162)



Emília esclarece a história do lenço

EMÍLIA — Ah, tu, estúpido Mouro! Esse lenço de que falas, encontrei-o eu por acaso e entreguei-o ao meu marido, por várias vezes, com uma veemência solene, por certo uma coisa em descompasso com o objeto tão comum, ele me pediu que surrupiasse o tal lenço.

IAGO — Meretriz calhorda!

EMÍLIA — Ela presenteou Cassio com o lenço? Não, ai de mim, eu o encontrei e entreguei-o a meu marido.

IAGO — Imunda, tu mentes!

EMÍLIA — Pelo céu que nos protege, eu não minto. Não estou mentindo, cavalheiros. — Ah, assassino pretensioso! O que pode fazer homem tão bobalhão com esposa tão boa!

OTELLO — Não há pedras no céu que sirvam para outro fim que não trovejar? — Tu, refinado vilão!

[Ele corre na direção de Iago, mas como Montano desarma-o; aproveitando-se da confusão, Iago apunhala Emília por trás e foge.] (p.170-171)

Emília canta a cantiga do Salgueiro em tom de conclusão e morre

EMÍLIA — Como era a letra de sua música, senhora? Escute, pode a senhora ouvir-me? Eu canto a parte do cisne, e morro na música.

[Cantando:]

Cantem: salgueiro, meu verde salgueiro.
Mouro, ela era casta. Ela amava somente a ti, cruel Mouro. Que minha alma venha a ser abençoada, pois falo a verdade. E assim, falando os meus pensamentos, ai de mim, eu morro.

[Morre.]

SUICÍDIO DE OTELO (p.176-177)

OTELO — Por gentileza, esperem! Duas palavrinhas, antes que os senhores se vão. Prestei alguns serviços ao estado, e isso é sabido. Mas, agora, outro assunto: suplico aos senhores que, em suas cartas, quando relatarem esses atos infelizes, falem de mim como sou. Que nada fique atenuado, mas que se esclareça também que em nada houve dolo. Depois os senhores devem mencionar este que amou demais, com sabedoria de menos; este que não se deixava levar por sentimentos de ciúme, mas, deixando-se levar por artimanhas alheias, chegou aos extremos de uma mente desnorteada; este cuja mão, como faz o índio mais abjeto, jogou fora uma pérola mais preciosa que toda sua tribo; este que, de olhos baixos, apesar de não ser de seu feitio mostrar-se comovido, agora derrama lágrimas de maneira pródiga, como as árvores das Arábias derramam sua goma medicinal. ... Ponham isso no papel, e mais: contem que uma vez, em Alepo, quando vi um turco de má índole, turbante na cabeça, espancando um cidadão de Veneza e difamando o Estado, tomei pelo pescoço o cão circuncidado e golpeei-o... assim.

[Apunhala-se.]

LUDOVICO — Oh, sangrento fim!

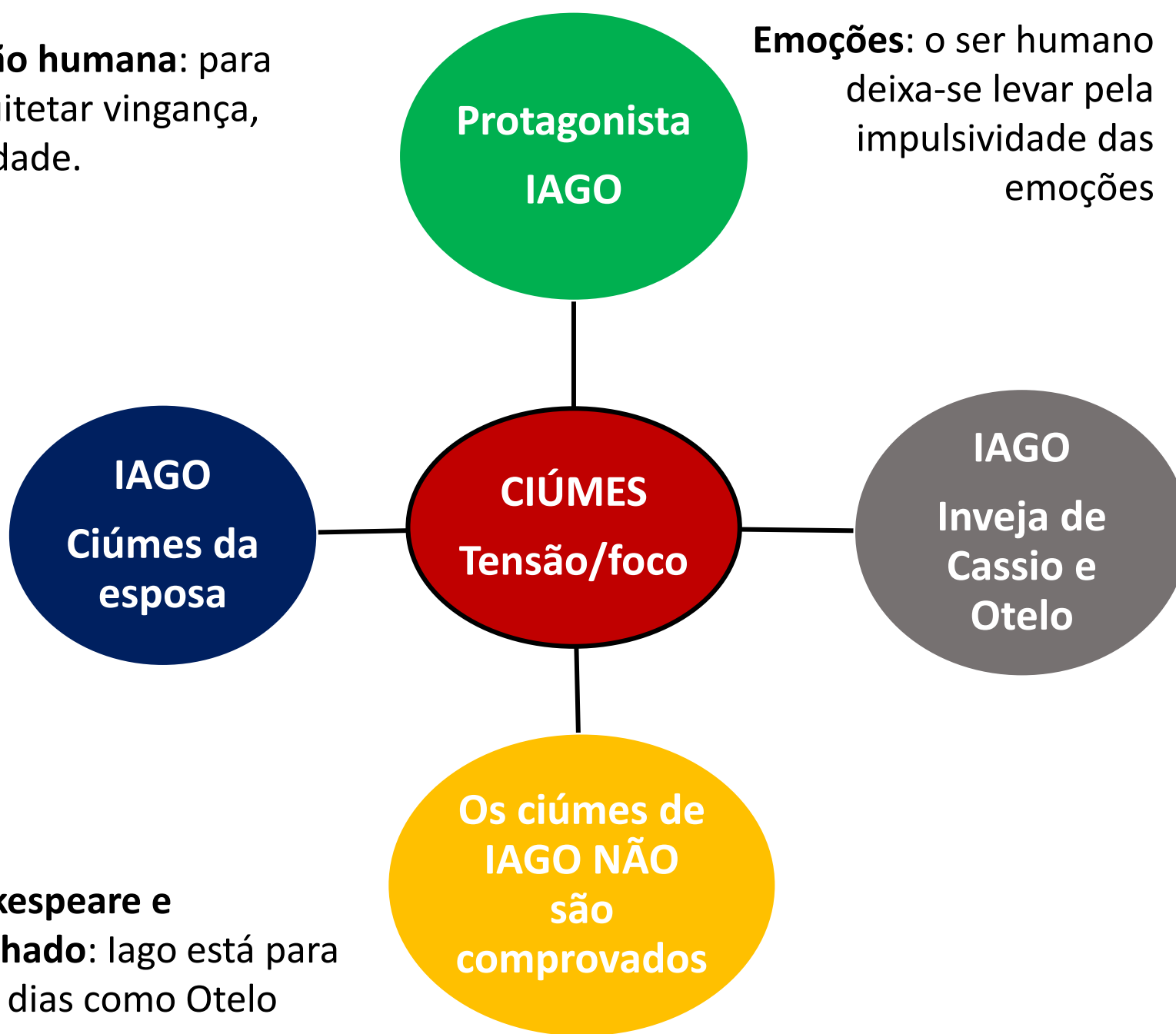
GRACIANO — Tudo que foi falado arruinou-se.

OTELO — Beije-te antes de te matar. Nenhuma outra saída era possível, mas esta: matando-me, morro depois de te beijar.

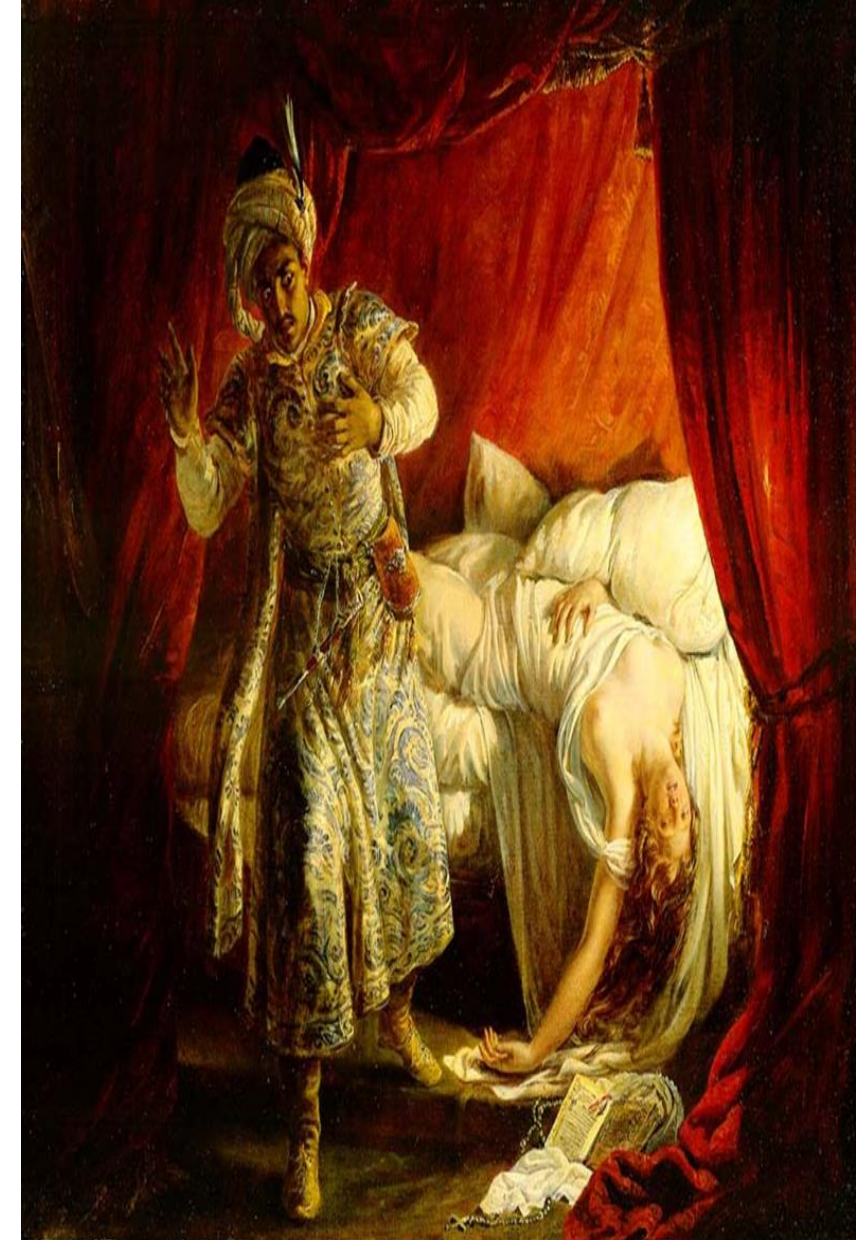
[Deixa-se cair na cama e morre.]

Razão humana: para arquitetar vingança, maldade.

Emoções: o ser humano deixa-se levar pela impulsividade das emoções



Shakespeare e Machado: Iago está para José dias como Otelo está para Bento



COLIN, Alexandre Marie. *Othello and Desdemona* (1829)